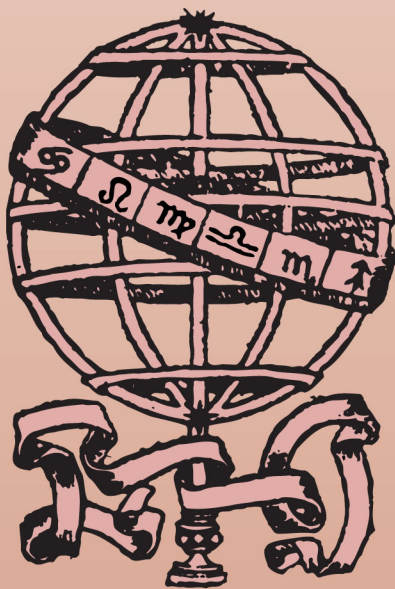


SAMPAIO BRUNO

TEORIA NOVA DA ANTIGUIDADE

Organização de JOAQUIM DOMINGUES

Apresentação de PEDRO SINDE



COLECCÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

ÍNDICE

<i>Sampaio Bruno e o enigma do Norte,</i> por PEDRO SINDE	9
--	---

TEORIA NOVA DA ANTIGUIDADE

LIVRO I — CILA E CARÍBDIS

I	43
II	50
III	57
IV	65
V	72

LIVRO II — A ILHA DO SOL

A «Europa» é... a América	81
Os Celtas eram a gente dos depois Estados Unidos da América do Norte	87
I	87
II	92
III	98
O tabaco em... Heródoto	107
Em Heródoto... «o escarpamento»	117

APÊNDICE

José Pereira de Sampaio (Bruno), <i>por</i> JOSÉ TEIXEIRA REGO	125
Nota bibliográfica, <i>por</i> JOAQUIM DOMINGUES.....	137

SAMPAIO BRUNO E O ENIGMA DO NORTE

Houvera sempre, cria ele [Sampaio Bruno], homens inspirados a quem foi revelada a directriz dos acontecimentos, em luta com os amantes das comodidades da vida; com o catolicismo que não compreendeu a beleza e profundidade do cristianismo; com a Inquisição; com os grandes da Terra. As profecias eram comunicadas a medo, enigmaticamente; seitas secretas formaram-se, com o fim de os seus membros, entre si, comunicarem, e misteriosamente, cabalisticamente, espalharem as verdades divinas. Essas seitas eram consideradas heréticas pela ortodoxia.

TEIXEIRA REGO

1. INTRODUÇÃO

Teixeira Rego disse sobre a Teoria Nova da Antiguidade, mostrando bem a importância que Sampaio Bruno lhe atribuía, que «era o filho bem-amado do seu espírito»¹. Tem sido, no entanto, um livro esquecido, remetido para a prateleira que reservamos àqueles livros que não

¹ Rego, Teixeira, «José Pereira de Sampaio (Bruno)», in *A Águia*, 2.^a série, vol. xi, n.º 80 (Dezembro, 1915), pp. 184-192. Reeditado em Rego, Teixeira, *Estudos e Controvérsias*. Compilação, posfácio e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (Peninsulares/Especial; 25), pp. 157-164. Este artigo de Teixeira Rego, que se encontra em anexo no fim deste volume, é talvez o que há de mais esclarecedor sobre a importância que Bruno atribuía aos seus últimos livros: *Teoria Nova da Antiguidade e Plano dum Livro a Fazer*.

cabem nas categorias de que nos servimos habitualmente; é quase como se tratasse de um texto apócrifo. É efectivamente um livro inesperado, do qual se chegou a dizer que «Sampaio Bruno assume posições bizarras sobre este tema» e a classificar este projecto de «nebuloso»². Para que possamos entrever o alcance da intenção de Sampaio Bruno temos de enquadrar este livro no sentido mais amplo que lhe conferem as suas outras obras, por um lado, e outros autores com perspectivas análogas, por outro.

A ideia central deste livro, malogradamente inacabado — a morte surpreenderia entretanto Sampaio Bruno —, é a de que «os celtas eram a gente dos depois Estados Unidos da América do Norte». A argumentação com que defende esta tese insólita é sólida, basta-se a si mesma, como comenta o eruditíssimo Teixeira Rego. Com esta tese Bruno procura a origem nórdica da humanidade ou, antes, de uma certa humanidade.

Estou seguro de que este tema se reveste da mais alta importância dentro do pensamento do autor. Vou procurar interrogar delicadamente o sibilino verbo de Sampaio Bruno, mantendo a ideia de que, como diz Teixeira Rego, ele visava sempre um determinado fim e de que tudo se ordenava nesse sentido. Os últimos livros, desde as Notas do Exílio, como tem sido notado³, são fruto da mesma ambiência, de uma mudança anímica no seu percurso que terá ocorrido durante o exílio em França ou, talvez mais provavelmente, pela vertente cabalística que passou a imprimir aos seus estudos, na Holanda. Por esta razão vou servir-me em especial desses livros para melhor tentar compreender este, de que agora trato, e que tão esquecido tem sido.

A tese de Bruno é, portanto, a de que os celtas, ou aqueles a que os antigos tal chamavam — esta distinção é fundamental —, tiveram origem na América do Norte. Os dados que a arqueologia reúne e enumera como contraprovas não servem aqui, porque o que Sampaio Bruno procura é a origem desses povos celtas e, portanto, esses dados referem-se a um período muito recente. Bruno aponta para um período bem anterior, a que chama mundo antiquíssimo, como que para mostrar que a época a que ele se refere é anterior ao que habitualmente designamos por mundo antigo — até porque são os próprios autores clássicos que, segundo Bruno, tendo recebido lendas passadas, já não sabiam exactamente a que é que correspondiam e, sobretudo, ignoravam o local exacto onde decorreram,

² Varela, Maria Helena, «Sofia» e «Profecia» na Filosofia da História de Sampaio Bruno, Porto, BPMP, 1990, pp. 50-51.

³ Telmo, António, «Prefácio», in O Brasil Mental, Porto, Lello, 1997. Domingues, Joaquim, O Essencial sobre Sampaio (Bruno), Lisboa, INCM, imp. 2002.

procurando por isso situá-las nas zonas que lhes eram mais familiares ⁴; efectivamente ele não desconhecia as teses que colocavam a origem dos celtas na zona do Danúbio e é precisamente essa uma das teses que ele procura combater, pois o Danúbio de Bruno é, como veremos, outro...

2. CENTROS DE SABEDORIA

Teixeira Rego afirma, a propósito dos últimos escritos de Sampaio Bruno, que «alguns [livros] anteriores à Ideia de Deus, como o Encoberto e Brasil Mental, apresentavam enigmas que só o aparecimento da sua obra-prima [A Ideia de Deus] veio, em parte, solucionar. Por seu turno esse livro dependia doutros que tencionava publicar, como fossem o Plano dum Livro a Fazer, a Teoria Nova da Antiguidade e ainda outro de síntese geral». Vou procurar, então, antes de passar à análise da argumentação que a Teoria Nova da Antiguidade expõe, enquadrar a doutrina que Sampaio Bruno aqui defende na relação com outros livros seus na tentativa de demonstrar como eles formam uma sequência evidente, embora não organizada cronologicamente e em muitos aspectos deixada, infelizmente, incompleta.

A Ideia de Deus ⁵ explicita a sua concepção do divino, do homem e da natureza, segundo a qual tudo se orienta e organiza por um fio teleológico que tende para a reintegração no homogéneo primordial de onde saiu. A finalidade da humanidade é trabalhar para a reintegração da natureza e de si própria. No seio desta doutrina habita a convicção de que sempre houve homens que souberam isto e procuraram a sua realização ⁶. Estes homens organizaram-se em sociedades secretas ⁷ devido à oposição da generalidade dos outros homens e sobretudo à das instituições religiosas que, cristalizadas em dogmas, não permitiam a requerida liberdade para o progresso no sentido da reintegração. A ideia que defende sobre a autonomia da Igreja Portuguesa relativamente à de Roma vem neste sentido. A Igreja Portuguesa, autonomizando-se, poder-se-ia tornar

⁴ «Com efeito, os Antigos não conheceram esses países [árcticos], mas conheceram-nos outros *Mais Antigos*, de cujas notícias os Antigos se serviam, sem saberem do que estavam discorrendo e adaptando-as erroneamente aos países que conheciam e onde viviam.» (P. 105.)

⁵ Bruno, Sampaio, *A Ideia de Deus*, Porto, Lello & Irmão, 1987 (Biblioteca Iniciação Literária; 77).

⁶ V. epígrafe.

⁷ É neste contexto que Bruno refere, n' *A Ideia de Deus*, o nome de Pascoal Martins — esse judeu português, fundador de um rito maçónico que visava precisamente a reintegração — e, n' *Os Cavaleiros do Amor*, as Academias.

a Igreja do Amor se cortasse a influência estrangeira de Roma⁸, de modo a ficar receptiva às emanações do saber tradicional português. Os fiéis seriam os cavaleiros, de quem segue o rasto n'Os Cavaleiros do Amor⁹. Assim se prepararia o advento da reintegração. A República também tinha o seu papel a cumprir, mas era apenas um meio para alcançar a liberdade final, uma forma provisória¹⁰: «Para que tal monstruosidade [a morte da nacionalidade] não seja, é preciso que a República seja. A República é, pois, o recurso in extremis. Não há outro.» É preciso ter cuidado quando se fala de Sampaio Bruno republicano, pois, como fica explícito, para ele a República é apenas um meio, um último recurso.

Se n'A Ideia de Deus Bruno explicita os pressupostos teóricos, metafísicos, da sua doutrina, nos outros livros que aqui referirei parece procurar deduzir as consequências desses pressupostos. Entre a humanidade antiga podemos encontrar já, hoje sob a forma de lendas e mitos, a manifestação de uma sabedoria perene que corresponde, no essencial, à sua tese sobre a reintegração. Assim, n'O Encoberto (p. 149), diz: «Inquire, de si mesmo, Pierre Leroux se cumprirá acreditar que, na mesma como as línguas e uma multidão de noções fundamentais, 'seria um legado esse à nossa humanidade feita por essa humanidade primitiva, à existência da qual todas as descobertas dos eruditos vêm remanar?'. No lance, pouco lhe importa, de resto, essa questão das origens.» Mas a Bruno importa, e tanto importa que lhe dedica toda a Teoria Nova da Antiguidade, procurando, pois, os vestígios dessa humanidade primitiva que, a par com as línguas, legou uma multidão de noções fundamentais do saber humano. E que noções são essas? É disso que trata, veremos já, O Encoberto. Aí encontra ele as noções fundamentais, que perpassam ocultamente as culturas e que formaram em certos locais centros espirituais.

O que Bruno parece procurar verdadeiramente na Teoria Nova da Antiguidade — estou convencido que o percurso que deixou vincado nos seus últimos escritos o demonstra — é esse centro primordial da sabedoria perene, para, seguindo o seu rasto, chegar a Portugal e ao ponto em que este se liga àquele. Assim, a Teoria Nova da Antiguidade

⁸ «[...] da Igreja nacional, se à nossa Igreja inteiramente romanizada este nome convém», in Bruno, Sampaio, *O Encoberto*, Porto, Lello & Irmão, 1983 (Biblioteca Iniciação Literária; 51), p. 202.

⁹ Bruno, Sampaio, *Plano dum Livro a Fazer: Os Cavaleiros do Amor ou a Religião da Razão*, organização, posfácio e notas de Joaquim Domingues, Lisboa, INCM, 1996 (Coleção Pensamento Português). Daqui em diante esta obra será referida apenas por *Os Cavaleiros do Amor*.

¹⁰ *O Brasil Mental*, p. 322.

deveria ser o livro que justificaria, através d'O Encoberto, Os Cavaleiros do Amor; tudo sustentado desde o alto pel'A Ideia de Deus. Vejamos de que modo se dá esta concatenação.

N'O Encoberto encontramos uma exposição de diversas manifestações da mesma sabedoria, em diversos momentos da história da humanidade: seja no México com Quetzalcoatl, na Grã-Bretanha com o Rei Artur, na Pérsia com Saoshiant, entre os muçulmanos imamitas com o Imam oculto, entre os judeus com o Messias ou os cristãos com o Paracleto. Aparece sempre a mesma sabedoria essencial de origem nórdica, ariana.

A doutrina da origem nórdica de uma certa humanidade está na origem da ideia de que uma mesma tradição essencial subjaz a cada uma das religiões. Bruno cria que essa tradição primordial se encontrou ainda com certa pureza na Pérsia ariana, anotando a este propósito, n'O Encoberto, que «um traço comum a essas três religiões [dos judeus, dos cristãos e dos persas] (e não só a elas) era a crença em um ser sobrenatural que devia, no final dos tempos, tornar a trazer ao mundo a ordem e a justiça que dele banidas se encontram e preludiar ao reinado da imortalidade e da felicidade sem termo ou acabamento. // Esta concepção, cuja origem Darmesteter, com exclusivo ciúme, atribui ao judaísmo, e que deu origem à fé cristã, não tomara, entre os judeus e entre os próprios cristãos, a sua forma definitiva senão sob o influxo da mitologia persa. Daí, em as suas três formas, a judaica, a cristã e a persa, mau grado certa variedade de minúcias, semelhança profunda nas grandes linhas gerais» (p. 239). Bruno refere-se particularmente ao advento do messias «precedido dum desencadear imenso das forças do Mal». Os persas são arianos e são turanianos e, os antepassados dos primeiros, da nórdica alta antiguidade, vieram influenciar a religião judaica, cristã e islâmica. É por aqui que navega a Teoria Nova da Antiguidade. Aqui vemos nitidamente a importância que Bruno atribuía à sabedoria persa, pois que dela receberam um impulso vital essencial tanto o cristianismo como o judaísmo. A Pérsia aparece desempenhando um papel fundamental, como centro difusor de uma sabedoria antiquíssima.

N'O Encoberto, Bruno enuncia as principais temáticas que representam a sabedoria primordial, que seria aquela mesma que em Portugal, na Provença e em Itália se fez sentir, depois, com os cavaleiros do Amor. São diferentes tradições, em diferentes partes do mundo e em diversas épocas, mas unidas por certas constantes sóficas ¹¹. O centro primordial, que Bruno busca no Norte, veio depois a formar centros secundários,

¹¹ Ao que aqui designo por constantes Bruno chama coincidências estrutivas das concepções humanas (O Encoberto, p. 237).

adaptados aos diferentes povos. N' O Encoberto, Bruno demonstra toda a constelação de centros que representa uma mesma sabedoria; são fundamentalmente três os elementos que encontramos nas mais diversas manifestações, por todo o mundo, desse centro: a noção de encoberto ou messias restaurador; a de ilha como local paradisíaco onde se oculta o messias; finalmente, a de palingenesia final ou plena consumação dos tempos ou ainda, na linguagem de Bruno, reintegração no homogéneo primordial. Temos então três noções que estão intimamente ligadas entre si: o actor, o messias, que faz desenrolar a sua acção num espaço, a ilha sagrada, com vista a um tempo projectado no futuro, o momento da palingenesia. Esta tríade forma uma unidade — basta-se a si mesma.

2.1. O Encoberto

Um dos aspectos que se mantiveram como uma constante nas diferentes tradições foi, portanto, o mito do desejado ou do encoberto, que cristalizou em Portugal sob a forma de sebastianismo ou colectivamente na promessa de Ourique a D. Afonso Henriques; esta última interessava mais Sampaio Bruno, pelo que tinha de aspiração colectiva, porque para ele o messias, o encoberto, é a humanidade e não um homem concreto. Quem leu O Encoberto certamente se interrogou sobre os motivos que levaram o autor a ser tão severo com o sebastianismo. É que ele procura depurar e manter no que tem de essencial e universal esse mito, procurando sobretudo desfazer aquele aspecto, que classifica de patológico, e que diz respeito à espera do próprio D. Sebastião homem. Segundo Bruno, desse modo não seria possível pensar o messias, porque se estaria a particularizar uma realidade que por essência se deve manter universal¹². O messias representa, dentro do sistema de Sampaio Bruno, a aspiração humana à perfeição, à reintegração ou a tendência do espírito diminuído para o espírito puro. Bruno compreende os malefícios da idolatria e procede muitas vezes, por essa razão, como um iconoclasta. Pelo mesmo motivo critica os judeus frequentemente, mas critica, como já afirmou Joaquim Domingues no prefácio a O Encoberto¹³, o seu tipo de messianismo exclusivista e não o messianismo em si mesmo que, para

¹² Por essa razão é que a promessa de Ourique lhe parece uma expressão mais eficaz da essência do messianismo. Sobre a temática da promessa de Ourique a D. Afonso Henriques é muito útil consultar o seguinte livro: Domingues, Joaquim, *De Ourique ao Quinto Império: para uma Filosofia da Cultura Portuguesa*, Lisboa, INCM, 2002.

¹³ Bruno, Sampaio, *O Encoberto*, Porto, Lello, 1999.

ele, é o «inviolável timbre da dignidade colectiva». Mas talvez haja, digo eu, também um sentido superior mesmo nesse tipo de messianismo particular e enclausurado; talvez seja essa uma forma de preservar a tradição; isso digo-o eu de minha lavra, aqui do vale, de olhos postos nesse cimo de monte em que o Filósofo contemplou tão longe... Veja-se o que diz Bruno a propósito desta questão em Oliveira Martins: «Vê-se, pois, que Oliveira Martins, na sua fantástica teoria histórica, confundiu dois factores diferenciados diversificadamente: o do sebastianismo e o do messianismo; o primeiro considerado irrisório e pertença de maníacos; o segundo reputado intangível, como inviolável timbre da dignidade colectiva.» (O Encoberto, p. 252.) Ainda assim talvez a provisória trincheira em que se refugiaram maníacos sebastianistas tenha também tido um sentido.

Criticando o povo semita por um lado, não deixa, por outro, de o exaltar e nele encontrar qualidades brilhantes, como guardião de uma tradição imemorial que oculta uma sabedoria profunda e profética. Aliás, não é Sampaio Bruno também o primeiro crítico da gente portuguesa, sendo, no entanto, seu defensor e arauto supremo? Não é, aliás, do mesmo modo que procede com o Brasil, procurando, para lá da imagem que do brasileiro fazemos, o brasileiro-brasileiro?

2.2. A ilha

Outra constante, que surge nas diferentes manifestações dessa sabedoria primordial que Bruno procura e encontra n'O Encoberto, é a da ilha enquanto lugar paradisíaco, que surge por exemplo nas viagens de S. Borondon ou Brandão, no mito de Quetzalcoatl no México ou na lenda irlandesa de Avalon, normalmente situadas no Oceano Atlântico. Do mesmo modo que Bruno se diverte com as descrições dos sebastianistas que esperavam o retorno do D. Sebastião em pessoa, mesmo duzentos anos após Alcácer-Quibir, diverte-se a explicar o modo como se pode formar uma miragem de ilha no mar, sem que a isso corresponda algo de verdadeiro. Tudo isto porque o que ele procura a todo o tempo não é algo que se possa encontrar materialmente, pelo menos no sentido em que nós ainda concebemos a matéria. A ilha, essa que ele procura, estando neste mundo, não é do mundo: «Mas verdadeiramente, a ilha onde se encobriria D. Sebastião, a dar tempo ao tempo... das profecias, como que não era coisa terrena, e do nosso defeituoso mundo não era, não; sim a modo de celeste recesso, menos na grosseira e tosca imperfeição das coisas criadas do que no incoercível, límpido e casto pensamento puro.» (P. 145.) A dar tempo ao tempo, pois. A ilha, a verdadeira, é feita dessa matéria dos sonhos e há-de estar naquele lugar anímico em que Henry Corbin

a viu entre os seus persas¹⁴. Com o mesmo olhar e a partir da mesma Pérsia a vê António Telmo na Ilha dos Amores¹⁵, esse «Reino de Cristal, líquido e manso», como a designa Camões, essa «ínsula divina, / ornada de esmaltado e verde arreio», essa «Ilha angélica pintada»; talvez não muito diferente dessa outra que Bruno descreve, aquela do caçador algonquino, das mesmas nórdicas paragens em que a Teoria Nova será encenada, «a quem foi dado abordar à ilha benta e magnífica onde jamais não há nem frio nem guerra nem sangue derramado, onde o alimento é o ar que se respira». Talvez não muito diferente, ainda, daquela que o hiperbóreo finlandês Kalevala¹⁶ descreve e Bruno refere: «Graças à encantação de que dispunha em sua oculta ciência, o homem primitivo podia mesmo dar nascença à ilha desejada, como quando, no quadragésimo terceiro runo do maravilhoso Calévala, que nos facultou a versão prestigiosa de L. Léouzon le Duc, o herói, pelo poder de sua magia, na crise, a faz surgir em meio do mar. // Então o vetusto Wainämoinem compreendeu que a desdita o ameaçava, que sobre sua cabeça se ia enfim a levantar o dia fatal, e a si mesmo se perguntou como é que ele poderia viver, como é que ele poderia existir; depois tomou a palavra e disse: 'Recordo-me ainda de um artifício, lembra-me um pequeno prodígio.' // E de um fuzil tirou um bocadinho de isca, um bocadinho de pederneira, e, por sobre seu ombro esquerdo, atirou-os ao mar, e disse: 'Que deles nasça um escolho, que deles surja uma ilha encoberta...'»

As ilhas paradisíacas vinham também de Hesíodo, Plínio, Estrabão ou Píndaro, são uma constante. Nesta linha de pensamento, o Brasil — de que Bruno trata com tanta atenção n'O Brasil Mental —, a ilha que na cartografia medieval assim se designava, teria sido um dos locais de passagem da tradição primordial e o seu achamento, o reencontro com a pátria, o resultado da busca do paraíso terrestre. O português teria guardado na memória colectiva a ideia da ilha ocidental paradisíaca, os Descobrimentos teriam sido até, como se deduz da História Secreta¹⁷ de António Telmo, depois Horóscopo de Portugal, feitos por homens que guardavam esse saber de modo actual. O Brasil verdadeiramente

¹⁴ Corbin, Henry, *Corps spirituel et terre céleste: de l'Iran mazdéen à l'Iran shi'ite*, 2.^e éd., Paris, Buchet-Chastel, 1979.

¹⁵ Telmo, António, *Desembarque dos Maniqueus na Ilha de Camões*, Lisboa, Guimarães Editores, 1984.

¹⁶ Lönnrot, Elias, *The Kalevala: an epic poem after oral tradition*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

¹⁷ Telmo, António, *História Secreta de Portugal*, Lisboa, Vega, 1977 (Colecção Janus; 6); *O Horóscopo e Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

mental continua a habitar a alma dos portugueses sob a forma imaginal de uma ilha paradisíaca, como a da cartografia medieval; aí cristalizam ainda hoje as suas mais belas e verdadeiras aspirações que sentimos latentes apesar do seu sono profundo de «encoberto colectivo». É curioso verificar que, em certo ponto, a lenda celta arturiana se reúne com a descoberta do Brasil, como nota Almir de Campos Bruneti: «Existe uma narrativa arturiana [...] castelhana, em que Avalão é a Ilha Brasil, a qual figura, entre outros, no mais antigo portolano português datado (1496) e de autor conhecido (Jorge de Aguiar).»¹⁸

Quando Bruno traça O Brasil Mental, parece procurar lá vestígios de outra coisa. Por isso nas páginas introdutórias, por várias vezes, distingue o brasileiro, o verdadeiro brasileiro, da imagem que o português faz actualmente dele. É como se procurasse precisamente um outro Brasil que se escondesse sob este. A análise das correntes mentais que lá encontra no seu tempo leva-o a descobrir apenas as influências estrangeiras, como o positivismo, o monismo e o marxismo. Onde está então o Brasil? O tal, o verdadeiro?

Bruno não deixa dúvidas sobre a necessidade de nós, portugueses, conhecermos esse Brasil verdadeiro ao afirmar que «um país existe que, naturalmente, parece dever captar, desde o primeiro momento, todas as atenções e promover entre nós as mais vivas e prementes curiosidades, por isso que a ele nos prende e com indissolubilidade liga. Esse país, evidentemente, é o Brasil» (p. 38). Não é fácil apreender a quem se refere Sampaio Bruno quando fala do brasileiro-brasileiro. Por um lado, não se parece referir simplesmente ao autóctone como nós o cremos conhecer, com quem aliás é bastante duro; por outro lado, também não se refere ao enxerto realizado pelos portugueses nos Descobrimentos, «pois que o tipo do brasileiro, se o não criámos, o deformámos nós» (p. 48). Deformámos, diz Bruno, e por este termo somos levados a ver que no seu pensamento estava já algo de superior, pois só assim se entende que possa ter sido deformado. É bastante enigmático o fito de Sampaio Bruno a este propósito. O brasileiro, assim o diz a certa altura, «é, naturalmente, o brasileiro legítimo, o brasileiro nato, aquele que, pela mãe (raramente pelo pai), pertence à terra brasileira». Mas a este, «desconhecíamos-lo nós» (p. 47). Mas como o desconhecíamos se fomos nós a revelá-lo? Se com ele nos irmanámos? Bruno esconde, e é tão certo que esconde que, numa outra passagem, discreta, ao seu modo sibilino, mostra outra ponta do mesmo novelo. Se a genealogia do brasileiro é, como nos diz, estabelecida

¹⁸ Bruneti, Almir de Campos, *A Lenda do Graal no Contexto Heterodoxo do Pensamento Português*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, imp. 1974, p. 83.

pela linha materna, parece querer aproximar-se daquilo que se passa com os judeus. Mas que afinidade veria ele aqui? Alguma veria, pois que nos diz que «o que significa o judeu em França significa-o o brasileiro em Portugal. Ele é, pois, nota indispensável no agenciamento da novela portuguesa contemporânea» (p. 49). Sobre a importância do judeu em França dá-nos Bruno o alto exemplo de Pascoal Martins; já sobre a do brasileiro-brasileiro em Portugal nada diz. O que me parece, dentro da lógica da sua investigação, é que ele procurou entre os brasileiros os vestígios daquela mesma tradição primordial que, vinda da América do Norte, teria descido até ao Centro e ao Sul desse continente, seguindo um trajecto análogo ao que desenha na sua Teoria Nova, a propósito do périplo de Homero: do nórdico Estreito de Bering até ao México.

Cecil Roth¹⁹ descreve assim a importância da mulher no seio dos marranos portugueses: «É significativo que as mulheres tivessem parte decisiva na iniciação ao judaísmo em vários casos conhecidos, mostrassem familiaridade especial com orações, e fossem, em vários casos, particularmente meticolosas na observância. Foi pelas mães e pelas esposas que foi presidido e inspirado o círculo marrano do México, na primeira metade do século xvii. Por fim tornou-se costume que a mulher actuasse como guia espiritual dos grupos marranos. É uma manifestação notável da posição vital ocupada pela mulher na vida judaica.» Os marranos, que tiveram um papel fundamental na organização dos Descobrimentos, ocuparam rapidamente o Novo Mundo, atingindo uma importância imensa, gozando inicialmente de alguma liberdade, viram, porém, rapidamente as fogueiras dos autos acender um pouco por todo o lado.

É certo que alguma coisa de fundamental Bruno descobriu no Brasil e parece ter deixado por revelar; algo que os próprios portugueses não compreenderam e por isso terão deformado o verdadeiro brasileiro. Foi esse algo essencial que o fez iniciar a obra de depuração da corrente mental dos brasileiros, correspondendo à dos portugueses também, que é O Brasil Mental. Com este trabalho Bruno deixa-os, a eles e a nós, sem amparo, como se devêssemos então procurar em nós e não no estrangeiro alguma coisa de precioso, de fundamental, que jaz adormecido. Não serão talvez de descurar aqui, para entrevermos o fito de Bruno nesta questão, os estudos empreendidos por diversos autores até ao século xix em busca das tribos judaicas perdidas ou dos descendentes dos primeiros patriarcas no continente americano²⁰. O. V. de L. Milosz, na sua *Ars Magna*,

¹⁹ Roth, Cecil, *História dos Marranos*, Porto, Civilização, imp. 2001, p. 123.

²⁰ Menasseh Ben Israel, o rabino português, foi um dos defensores desta tese. O próprio Court de Gebelin defendia o mesmo. Socorrendo-se de seme-

faz notar que «foram já constatadas as afinidades entre o euscaro (e portanto também o hebraico) e os dialectos do México, do Peru e do Canadá», acrescentando que as tradições bascas referem uma descoberta da América por parte dos Iberos ²¹.

São úteis aqui as seguintes palavras de Almir de Campos Bruneti que referem que a «descoberta do Brasil se inscreve naquela actividade missionária incansável, desenvolvida pelos franciscanos a partir do século XIV, que os levou a todos os recantos conhecidos do globo na ânsia de descobrirem o paradeiro das tribos perdidas de Israel, encontrarem o Paraíso Terreal, renovarem a Europa e instalarem o reino do Espírito Santo na terra» (pp. 86-87).

2.3. Palingenesia

A terceira das constantes que Bruno, n' O Encoberto, encontra como elementos comuns a mitos esparsos um pouco por todo o lado, é a ideia de palingenesia, a conflagração final, a última morada, o objecto das aspirações do heterogéneo. Para explicar esta doutrina dos ciclos recorre ao Néros dos Caldeus (Caldeus, note-se, que Guénon assemelha aos Celtas), ao Génesis de Moisés ou à semana judaica, ao Dharma-Sastra de Manu ou ao Império Universal de Joaquim de Flora. Em todos eles está presente, diz Bruno, a mesma «ideia de periodicidade, de restabelecimento, de palingenesia, numa palavra a ideia dum regresso periódico está fortemente esculpida em essa semana composta de seis dias seguidos dum dia de descanso, ou do que Moisés chama sabbat. Na realidade, a celebração do sétimo dia da semana, como símbolo da Criação (Êxodo, 20, 11; 31, 17), remonta para antes da legislação mosaica» (p. 148). Aí está Bruno novamente a demonstrar a antiguidade das noções que refere: «Exclama ele [Pierre Leroux] que o que é certo, é que a ideia de regresso periódico após um tempo percorrido, ou seja nos fenómenos gerais do céu [os ciclos planetários], ou seja nas coisas terrestres [os ciclos históricos], era uma ideia dominante desde a mais alta antiguidade.» (P. 149; ver também, a p. 152, a última parte do capítulo VII.)

Assim, as três noções de que Bruno trata estão ligadas inseparavelmente e representam em diferentes modos aquilo que o homem tem de

lhanças linguísticas, culturais e toponímicas foram muitos os apologistas da tese que colocava a origem dos povos autóctones do continente americano na raça semítica, seja nas tribos perdidas, seja nos descendentes de Noé depois do dilúvio.

²¹ Milosz, O. V. de L., *Ars Magna*, Paris, Éditions André Silvaire, 1961, p. 108. Ver no final desta introdução a parte 5, «Os Judeus e a Península».

*mais puro: a aspiração à verdade, à beleza e à força que, embora parcialmente perdidas, sente vibrar em si, naquilo que tem de melhor, ainda. Todos estes elementos que aqui podem parecer díspares, ganham a força da unidade n' A Ideia de Deus, como tão bem viu Teixeira Rego no comovido testemunho. Se, ao que ficou dito, acrescentarmos a sua doutrina das emanações e da reintegração, teremos o culminar do seu sistema como a coroa na romã*²².

3. UMA QUESTÃO DE RAÇAS

Quando Bruno conta a história de Quetzalcoatl, n' O Encoberto, está a estabelecer uma analogia com o que aconteceu na Península na altura da Inquisição. Ali, Quetzalcoatl é rejeitado pelo povo por ter tentado terminar com os sacrifícios humanos e aqui, no Norte, é a Inquisição que é rejeitada como barbárie. Na diversidade das aparências a questão subjacente é a mesma: é um problema de diversidade de raças. É para estabelecer esta analogia que, sem o dizer explicitamente, logo depois de referir Quetzalcoatl, começa a falar da questão da Inquisição. É um dos processos discretos que Bruno usa para revelar escondendo simultaneamente.

Não n' O Encoberto, mas n' A Ideia de Deus (p. XII), Bruno refere a interpretação histórica de Eugène Sue, o dos Mistérios do Povo, marcado pela de Agostinho Thierry, a propósito da diversidade das lutas entre francos e gauleses em França: «esta ideia dum conflito imanente entre raças, primariamente diferenciadas de raiz, como sendo a trama oculta e subjacente dos lances da combatividade actual também possui sua parcela de procedência» — isto dizia Bruno em 1902, nem supunha de que modo cruel a história o comprovaria... É a esta luz que ele vai interpretar a Inquisição como um conflito racial, um conflito de sangue contra sangue, levado pela força latente, vulcânica, do sangue.

Bruno vai mostrando como os documentos da época revelam que a Inquisição estava mais preocupada com a limpeza do sangue²³ do que com a pureza da fé: «Portanto, conclui Bruno, o que, pela Inquisição, os nossos antigos, hispano-portugueses, pretendiam acrisolar não era a pureza da fé, era a limpeza do sangue.» (O Encoberto, p. 195); «um tribunal que o era de uma raça contra outra raça, sob as exterioridades da fé»; «No problema da Inquisição ibérica vão indissoluvelmente conexos

²² É imprescindível, para a compreensão desta questão, o recurso ao surpreendente prefácio de António Telmo à última edição de *O Brasil Mental*, já referida na nota 3.

²³ A propósito desta questão ver também o referido livro de Cecil Roth, p. 11.

o factor religioso e o factor étnico. Cumpre não esquecer nunca esta conca-tenada dualidade. É um problema de igreja e um problema de sangue. É, numa questão de fanatismo, uma luta de raças. [...] Por isso, o que era uma festa domingueira no Sul fora o relâmpago de um horror indizível, no Norte. A religião oficial é a mesma; mas a raça é diversa.» (P. 201.) De que raças se trata? «quem reaparecia, contra o judeu [...] era o cha-mita» (p. 214). É conveniente lembrar aqui a doutrina de Pascoal Martins, com a qual Bruno parece estar muito familiarizado — contra a opinião de Amorim de Carvalho ²⁴.

Segundo Pascoal Martins, o Sul é «o tipo da parte universal onde o Criador manifestará a sua justiça e a sua glória no fim dos tempos. É também nesse lugar que os justos manifestarão as suas virtudes e po-tências, para vergonha dos espíritos perversos e dos menores [os homens] réprobos. // Essa parte meridional terá sido amaldiçoada pelo Criador, marcada pelas Escrituras para asilo dos maiores e menores que tenham prevaricado» ²⁵. Ora, o Sul é o local para onde é enviado Caim depois de matar Abel, cujo lar é, segundo Pascoal Martins, o Norte. Caim é o protótipo dos camitas e Abel dos semitas (através de Seth). Bruno não era seguramente alheio a este pensamento coincidente com o seu, pois a luta racial que se dá na Inquisição é novamente a que Abel e Caim representam como arquétipos da humanidade — o Norte e o Sul.

Os semitas são ritualmente queimados pelos camitas, como nos tempos da adoração ao terrível deus Molok. É curioso verificar que os Domini-canos, os da Inquisição, eram chamados *Domini cani*, isto é os cães de Deus; o meu Dicionário dos Símbolos ²⁶, profícuo em exemplos, na entrada Cão mostra de que modo em inúmeras tradições se liga o cão à ideia de sacrifício e de fogo. São de facto espantosas as coincidências estrutivas das concepções humanas.

Os camitas, vencidos e escoraçados pelos semitas, refugiaram-se no norte de África, são os berberes que, mais tarde, vieram ocupar o sul da Península. Essa mancha de ocupação equivale, no essencial, à zona

²⁴ A tese que Amorim de Carvalho defende — *O Positivismo Metafísico de Sampaio Bruno*; 2.ª ed., Lisboa, Fundação Lusíada, 2001 — é muito parcial; aliás, das fontes que refere, escolhe apenas a argumentação que lhe é útil reunir para o estabelecimento do que quer demonstrar. Creio que valerá a pena, num outro local, empreender o trabalho de desmontagem dessa argumentação.

²⁵ Pasquallys, Martinets de, *Tratado da Reintegração dos Seres Criados nas Suas Primitivas Propriedades, Virtudes e Poderes Espirituais e Divinos*, Lisboa, Edições 70, 1979 (Coleção Esfinge; 27), p. 83.

²⁶ Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994.

em que a Inquisição teve depois tribunal instituído. Eles traziam no sangue o atavismo da vingança e é essa revivescência que surge com a Inquisição no Renascimento; o verdadeiro motivo da Inquisição, sob a capa religiosa, seria assim a vingança tardia, dos camitas contra os semitas²⁷. A confirmá-lo está o facto de que o Norte da Península se opôs à Inquisição, só houve Inquisição assente de Coimbra para baixo; porquê? Porque os seus habitantes são semitas e arianos (pp. 213-215). Os primeiros são as vítimas e os segundos são alheios a tão selvático conflito, opondo-se-lhe, sem compreender o terrível espectáculo, como «Quetzalcoatl» se opôs aos sacrifícios humanos no México.

O conflito de sangue contra sangue está latente ainda no plano d'Os Cavaleiros do Amor, aí aparecem novamente as personagens principais do que fora já encenado n'O Encoberto: a Inquisição e os seus grandes opositores. Mas desta vez Bruno encontra outros elementos que vêm mostrar um pouco a forma das organizações secretas, como a maçonaria (que refere também n'O Encoberto) e as academias, e da sua linguagem cifrada. A maçonaria seria a linhagem propriamente judaica e as academias a linhagem mais de feição ariana. Os adeptos da primeira seguem uma via antropológica, os da segunda seguem uma via cosmológica; os primeiros reúnem-se em lojas secretas, como numa sinagoga, às ocultas como os cristãos-novos²⁸, os segundos no segredo do bosque, como os seus antepassados celtas na floresta sagrada, no nemeton.

Os Cavaleiros do Amor são a demonstração de que houve em Portugal um fio secreto de linhagem espiritual que, gradualmente, foi, cada vez com mais intensidade, falando às claras — cumprindo o preceito evangélico de que tudo o que está oculto deve ser revelado²⁹. É, no fundo, o mesmo princípio que orienta a sua cosmologia das emanações, que são tanto mais intensas, quanto mais se afastam da origem, pois que o afas-

²⁷ Como interpretaria Bruno, a esta luz, a revolução republicana, do Norte, e a de Abril, do Sul?

²⁸ Seria interessante averiguar se a maçonaria dita especulativa não surgiu mesmo com os cristãos-novos e, nesse caso, procurar a influência necessariamente sefardita ou marrana. Bruno cria que a maçonaria era uma instituição judaica, como de resto variadíssimos autores, mas não chega a referir-se à influência marrana.

²⁹ «[...] o que dissimuladamente aí há agora para repuxar para fora e apontar às escâncaras, hoje em dia, tudo quanto em uma meia luz receosa e discreta o poeta [Diogo Camacho, um dos cavaleiros do Amor] na sua obnubilada e obnubilante época cautelosa e propositalmente entendera dever deixar», in *Os Cavaleiros do Amor*, p. 266.

tamento é, desde logo, o início do regresso — o que levava Bruno a afirmar que chegara o tempo de falar às claras. Chegara? Não nos avisa ele próprio para o perigo da Inquisição ainda no seu tempo, pois que se houvesse condições ela regressaria? «Se o movimento descensional não encontrasse os embargos de causas exteriores, poderíamos, mesmo, supor que na ordem política se regressaria ao puro absolutismo e na ordem moral à extrema intolerância religiosa. Não seria, pois, inteiramente abusiva a hipótese de que em Portugal se reintegrassem as instituições de períodos históricos ultrapassados e supostos, logicamente, extintos. Em Lisboa voltar-se-ia a acender as fogueiras dos auto-de-fé da Inquisição; e, no Porto, volver-se-ia a montar as forcas das execuções da Alçada.» (O Encoberto, p. 284.) Bruno, jogando sempre com os dois pratos da balança, no seu estilo característico e propício a ocultar as suas verdadeiras intenções, afirmando e negando, como que para evitar os cousismos, como lhe chamaria Leonardo Coimbra, afirma que é chegada a hora de falar abertamente e todavia demonstra — até pelo seu próprio estilo deliberadamente secreto, como testemunha Teixeira Rego — que é sempre preciso algum cuidado.

Aquilo a que Bruno se refere não é só à cumplicidade de uma elite contra os judeus, mas a uma coisa mais profunda, de terrível selvajaria que envolveu o povo do Sul numa adesão espontânea, fazendo eles próprios de carrasco frequentemente. Assim foi que em 1506, para só dar um exemplo, em Lisboa, o povo, acirrado por dois dominicanos fanáticos, assassinou cruelmente quinhentos cristãos-novos num só dia: mataram, violaram, esquartejaram, queimaram, em poucos dias, cerca de quatro mil judeus, mulheres e crianças incluídas; se estas últimas se refugiavam nas igrejas, eram arrastadas para o exterior e mortas. Nunca cenas destas, verifica Bruno, aconteceram no Norte. A explicação não pode ser sociológica, é insuficiente; fenómenos desta grandeza terrível têm de ser explicados de outra forma; está-se em pleno demonismo colectivo. A força que possuiu este povo nessa altura, era, cria Bruno, de fundo étnico, era a força do sangue a comandar a multidão delirante. A história contemporânea tem demonstrado como os complexos raciais podem atingir dimensões de uma crueldade quase inimaginável. É de salientar que as descrições da época desmentem as explicações, sociológicas ou historicistas, de feição marxista, que viam na Inquisição apenas um fenómeno dos poderosos — o alto clero e a nobreza — sendo o povo forçado a assistir aos autos de fé. Nada disso; de Coimbra para baixo, como salienta Bruno, os autos de fé eram uma festa domin-gueira. Aliás, quando o rei, em Avis, soube dos acontecimentos que descrevi acima, mandou imediatamente destituir os dois dominicanos e enforcá-los no dia seguinte.

4. TEORIA NOVA DA ANTIGUIDADE

4.1. A tese

Vejamos então, no essencial, a argumentação de Sampaio Bruno que serve de suporte à refutação da tese clássica de Victor Bérard que defendia que a viagem de Homero teria decorrido no Mediterrâneo.

O mito guarda como uma memória subconsciente a verdade e, talvez por isso, «o mito esse nada que é tudo», permaneça «nada» para quem nele não veja mais do que fantasia e «tudo» para quem nele veja a memória de algo de que se perdeu a inteligência. Haverá que reconhecer também que no mito deve estar a verdade em vários níveis de interpretação. Assim, se a Odisseia pode guardar a memória de paisagens arcaicas em que viveram povos antigos, como vulgarmente aceite, parece guardar simultaneamente a ideia de que é ainda um percurso de iniciação ao conhecimento ou de recapitulação da história da humanidade em geral e de cada um em particular: a saída e o regresso ao paraíso, a Ítaca da nossa alma. Os diferentes níveis de interpretação do texto são coexistentes e até convergentes. Afirmar a interpretação literal de um texto não é negar a sua interpretação anagógica, pelo contrário, ambas são tão intrínsecas que uma implica a outra, como uma camada geológica profunda implica outra que lhe está por cima.

Uma série de mitos antigos, da mesma linhagem, aponta o Norte como o ponto de origem da humanidade³⁰. Reunindo os diferentes mitos consegue-se reconstituir o seguinte caminho: uma raça primordial vivia originalmente na região ártica, onde, como narra esse mesmo mito esparso de Oriente a Ocidente, fazia sempre dia ou o dia durava meses. Uma das denominações desse lugar era o de Ilha do Sol; não deixa de ser curioso, pelo que tem de significativo, que Sampaio Bruno tivesse denominado a segunda parte do seu livro precisamente «Ilha do Sol». Com a glaciação progressiva os povos que lá habitavam foram obrigados a descer em direcção ao Sul. Uma vaga migratória teria ido pelo lado ocidental até ao continente americano e outra pelo lado oriental do continente euro-asiático. A primeira vaga, justamente onde Sampaio Bruno procura os antepassados dos celtas, teria depois avançado para Oriente, em direcção à costa ocidental da Europa (a Península Ibérica) e à costa ocidental africana. A primeira daria origem à civilização megalítica e a segunda, avançando sempre para oriente, à civilização egípcia. A primeira corresponderia

³⁰ Evola, Julius, *Revolta contra o Mundo Moderno*, Lisboa, Dom Quixote, 1989. Este volume, de uma erudição espantosa, recolhe o testemunho de diversos autores que concorrem para a mesma ideia da origem nórdica da humanidade.